



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 17, nº. 1, janeiro-junho, 2020, p.81-91
DOI: 10.23925/1809-8428.2020v17i1p81-91

RICHARD RORTY E A FILOSOFIA SEM FUNDAMENTOS

Edna Magalhães do Nascimento

Professora de Filosofia da Educação do CCE na Universidade Federal do Piauí
magaledna@yahoo.com.br

Júlio Gonçalves e Sá

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí

Resumo: O objetivo deste trabalho consiste em compreender a reflexão desenvolvida por Rorty acerca de uma filosofia sem fundamentos. A obra de Rorty foi caracterizada por muitos de seus estudiosos como tendo um eixo duplo de propósitos que combina: primeiro, uma tarefa crítica de rejeição a uma forma tradicional de reflexão filosófica e segundo, a construção de um conjunto de proposições voltado para o desenho de um novo projeto filosófico. Esse empreendimento é encarado por Rorty como uma maneira de levar às últimas consequências o projeto iluminista, através das rupturas inovadoras produzidas por seus "heróis" filosóficos particulares, uma galeria composta pelos pragmatistas norte-americanos clássicos como William James e John Dewey e por expoentes da filosofia europeia como Nietzsche, Wittgenstein e Heidegger. O antifundacionismo de Rorty pode ser compreendido como motivos suficientes para propor uma reforma ou uma reconstrução da filosofia, uma vez que a filosofia tradicional tomou para si o papel de encontrar fundamentos últimos ou primeiros tanto de caráter metafísico quanto epistemológico para dar a palavra final em todos os aspectos da cultura e da ação humana.

Palavras-chave: Richard Rorty. Filosofia sem Fundamentos. Antirrepresentacionismo.

RICHARD RORTY AND UNSUBSTANTIATED PHILOSOPHY

Abstract: *The aim of this work is to understand the reflection developed by Rorty about an unfounded philosophy. Rorty's work was characterized by many of his scholars as having a dual purpose axis that combines: first, a critical task of rejecting a traditional form of philosophical reflection and second, the construction of a set of propositions aimed at drawing a new philosophical project. This undertaking is seen by Rorty as a way to bring the Enlightenment project to its ultimate consequences, through the innovative ruptures produced by his private philosophical "heroes", a gallery composed of classic American pragmatists like William James and John Dewey and by exponents of the European philosophy like Nietzsche, Wittgenstein and Heidegger. Rorty's anti-foundationalism can be understood as sufficient reasons to propose a reform or reconstruction of philosophy, since traditional philosophy has taken on the role of finding ultimate or first foundations of both metaphysical and epistemological character to give the final say in everyone aspects of culture and human action.*

Keywords: Richard Rorty. Philosophy without Foundations. Anti-representationism.

1 Introdução

Este problema de pesquisa derivou da necessidade de compreender o vocabulário filosófico do neopragmatista Richard Rorty no que diz respeito à construção de novos entendimentos, tais como 'contingência', 'ironia', 'ironista liberal', 'solidariedade', que foram desenvolvidos tendo como critério ou desejo de ruptura com a filosofia tradicional, naquilo que esta legou à tradição ocidental em termos da crença em uma teoria do conhecimento que supostamente pudesse, através da atividade mental, representar fidedignamente à realidade. Ao contrário desta abordagem, Rorty desenvolve uma filosofia da contingência que ao invés de procurar a objetividade do conhecimento em termos epistemológicos buscou compreender por meio da linguagem os diversos vocabulários através de uma atitude hermenêutica.

Comumente à proposta presente na filosofia tradicional sobre o conhecimento do 'verdadeiro' advém da crença que a atividade intelectual "descobre" à verdade e esta corresponde à realidade. Estas teorias geralmente são mais aceitas que outras tendo em vista seu caráter intuitivo. Sabemos que, em virtude destas intuições pré-filosóficas somos inclinados explicar a verdade em termos correspondentistas ou representacionistas.

Rorty se insurge contra estas propostas e apresenta uma filosofia de natureza antifundacionista e anticartesiana, argumentando que, no representacionismo, o modo de explicar o mundo e a crença que esta espelha sua própria natureza, já não condiz mais com a tarefa hodierna da filosofia. O momento exige que esta precisa focar-se em construir descrições ou narrativas através de metáforas que nos ajudem a entender a nós mesmos e o mundo. Rorty advoga uma filosofia que possa se libertar da tradição mentalista, argumentando ser preciso,

[...] enfraquecer a confiança do leitor na "mente" como algo sobre o que as pessoas deveriam ter uma visão "filosófica", no "conhecimento" como algo sobre o que deveria haver uma "teoria", ou que deveria possuir fundações, e na "filosofia" tal como ela vem sendo concebida desde Kant (RORTY, 1994, p.34).

Com esta atitude Rorty trouxe para a filosofia contemporânea uma recusa aos cânones da tradição de Platão a Kant. Sabe-se que ele recusou o uso das palavras, 'objetividade', 'realidade' e 'verdade' e apostou na negação da existência de significados estáveis ou de teorias da correspondência entre linguagem, conhecimento e mundo.

No contexto da discussão sobre as teorias da verdade, sobretudo, a crítica de Rorty ao modelo representacionista da filosofia tradicional, que deu ênfase à "ideia de mente" como uma entidade que inspeciona a natureza para espelhá-la, Rorty argumenta que é possível construir outras narrativas compatíveis com o atual desenvolvimento da filosofia, sobretudo, depois da chamada virada linguística, que encaminhe novos aportes intelectuais nos quais o desejo de objetividade do conhecimento dê lugar ao desejo de solidariedade.

2 O modelo antirrepresentacionista de Rorty: rumo à superação da epistemologia

2.1 Uma tentativa de redescrever a filosofia

Desde a publicação de “A Filosofia e o Espelho da Natureza” (1979) Rorty admitia que, com a virada linguística, a filosofia não deveria mais ficar presa as noções de verdade correspondentistas ou representacionista. Mas, é, sobretudo, na obra “Contingência, ironia e Solidariedade” (1989) que o filósofo se debruça sobre o tema e compreende a linguagem situada na contingência. É por este caminho que o ironista liberal, designação que Rorty dá ao novo intelectual, terá êxito em sua redescrção de si e do mundo. A redescrção proposta por Rorty no que diz respeito ao abandono da epistemologia pela filosofia social está sistematizada em diversos artigos, ensaios que tratam de temas de filosofia social e política.

Richard Rorty (1931-2007) foi considerado um dos filósofos mais proeminentes da contemporaneidade, sua importância pode ser medida pelo impacto de suas intervenções na cena filosófica atual, bem como sua inserção nas diversas áreas da cultura. É consenso entre os biógrafos a constatação deste legado ao pensamento contemporâneo, isto porque sua filosofia fez um duro ataque à filosofia tradicional e dialogou com os diversos ramos da cultura. Ele se opôs a tradição dualista que segundo o mesmo “rompeu com os velhos mapas do terreno” em termos filosóficos.

Em virtude desta preocupação perguntamos: quais os conteúdos desses novos mapas? Quais as peças centrais desses novos vocabulários? Uma forma possível de aproximar-se desses novos referenciais é apresentar os principais traços que, consoante Rorty, caracterizaria uma cultura que houvesse logrado libertar-se da tutela da filosofia tradicional (Rorty, 1982). Os filósofos, que merecem o elogio de Rorty, têm um entendimento que tanto a filosofia quanto a literatura, a poesia e artes em geral têm contribuições importantes para a nossa reflexão do cotidiano e para a resolução de nossos problemas.

Conforme Margutti Pinto (2007, p.529):

O aspecto mais importante de seu maior legado está no tipo de pragmatismo que propôs sempre voltado para o futuro e preocupado com formas cada vez melhores de justificação. Nessa perspectiva, a filosofia constitui uma conversação sem fim, sujeita a variações contingentes. E, nessa conversação, digna de nota é a disponibilidade de Rorty para ouvir as vozes dos interlocutores "menores".

Este fato se justifica em virtude de Rorty ser um exemplo de como se coloca em prática o diálogo filosófico. Rorty publicou várias respostas intelectuais aos seus críticos com muito respeito e com uma disponibilidade impressionante (RORTY, 1995).

O autor afirma herdar do pragmatismo clássico uma orientação filosófica que faz objeções a maneira tradicional de discutir as questões da verdade e do

conhecimento. Mas é, sobretudo, em autores como William James e John Dewey que Rorty encontra mais apoio, uma vez que, estes autores apresentaram uma filosofia que visou desintegrar os dualismos clássicos entre mente e mundo, sujeito e objeto, teoria e prática. Na visão de Rorty, são autores revolucionários porque tomaram uma decisão em considerar a busca pela verdade como um projeto sem êxito e se comprometeram em aprofundar o debate filosófico em torno das questões sociais e políticas, produzindo uma filosofia muito mais edificante que sistemática (NASCIMENTO, 2014).

Ainda conforme Nascimento (2014), Dewey vê todos os perniciosos dualismos da tradição filosófica como resquícios exemplares da divisão social entre os que contemplam e os que fazem, ou entre uma classe ociosa e uma classe produtiva. Dewey afirmava, o que está errado com a filosofia tradicional é resultado de um entendimento de mundo que emergiu de uma sociedade desigual e serviu aos seus interesses. Portanto, a origem da filosofia, conforme Rorty, seguindo a trilha deixada por Dewey, é a tentativa de reconciliar “dois tipos de produtos mentais”, os produtos dos sacerdotes (pensar dogmático) e os produtos do artesão (o fazer).

Conforme Ferraz (2014) uma forma de compreender a obra de Rorty é identificar, no seu interior, um eixo duplo de propósitos complementares, a saber, uma tarefa crítica de rejeição a uma forma tradicional de reflexão filosófica, vista como algo a ser superado, associada à construção de um conjunto de proposições voltado para o desenho de um novo projeto filosófico ou, uma nova cultura intelectual.

2.2 O modelo filosófico antirrepresentacionista: a filosofia sem ‘fundamentos’.

O antifundacionismo de Rorty pode ser compreendido como motivos suficientes para propor uma reforma ou uma reconstrução da filosofia, uma vez que a filosofia tradicional tomou para si o papel de encontrar fundamentos últimos ou primeiros tanto de caráter metafísico quanto epistemológicos para dar a palavra final em todos os aspectos da cultura e da ação humana. Como veremos Rorty desenvolve uma crítica ao representacionismo com sua pretensão de descrição exata da realidade. O objetivo principal de sua crítica recaiu sobre o pensamento moderno de Descartes, Locke, Kant e, por último, perpassou à filosofia analítica.

Rorty aproxima-se de um tipo de pensamento que não estava de acordo que a filosofia fosse entendida como um objeto atemporal distinto (filosofia disciplinar); como também fosse detentora de algum método que pudesse nos dar uma “garantia metafísica e epistemológica”; não concordaria com a pretensão da filosofia em fornecer um fundamento que fosse além da ciência, da arte e da religião.

Todavia não aceitava que a ciência deveria erradicar todo o textualismo, como não estava de acordo que a história intelectual só teria importância por conta dos filósofos da tradição que provocaram as atuais controvérsias da filosofia e, por último, não estava de acordo que os critérios que seus pares defendiam para avaliar uma tese filosófica.

Rorty opta por uma vertente filosófica em que o cientificismo importa pouco. Para os pensadores que seguiram este caminho, Rorty os caracteriza como pragmáticos e historicistas. Ele os vê dentro da tradição de Pierce, James, Mead com base em três crenças: primeiro, não existe um modo sistemático,

epistemológico, de dirigir, criticar ou subscrever o curso das investigações; segundo, não há uma diferença metafísica entre fatos e valores, nem uma diferença metodológica entre moralidade e ciência e, terceiro, não há restrição na investigação, salvo as conversações. Estes filósofos considerados edificantes nos fazem lembrar que um vocabulário útil e novo é justamente isto e não uma “visão não mediada das coisas” ou uma busca fundamentada em crenças transcendentais. Rorty, não defendia explicitamente ser esta a proposta de Dewey e dos demais pragmatistas, “mas Dewey era um filósofo cuja leitura é essencial se quisermos chegar a ser pragmatistas”, afirmava (RORTY, 1982, p, 305).

O filósofo argumentava que a filosofia tradicional desenvolveu a “ideia de mente” como análoga a um grande espelho. Com esta metáfora, Rorty descreve que o grande espelho da realidade foi apresentado como aquele que contém várias representações sobre o mundo. Esta imagem, difícil se desvencilhar, legou para a cultura ocidental a ideia de que a essência do homem é a de espelhar o universo ao seu redor. Portanto, tal essência especular, como Rorty denomina, apresenta imagens do mundo que podem ser exatas ou não, mas que deverão ser estudadas por métodos puros, não empíricos.

Assim, Rorty se insurge contra a filosofia tradicional que mantém o modelo do conhecimento verdadeiro como aquele que surge da crença em que reflexão intelectual “descobre” a verdade e esta corresponde à realidade. O filósofo reiterava que são proposições comumente aceitas por seu caráter intuitivo. Em razão destas intuições pré-filosóficas somos levados a ver a realidade em termos correspondentistas ou representacionistas. Por esta razão, somos levados a cindir a realidade entre duas dimensões: uma do mundo físico e material e a outra do mundo intelectual. São estes dualismos provocadores das controvérsias e dos pseudoproblemas filosóficos.

Rorty afirma que os ‘pseudoproblemas’, separam em duas esferas cognitivas a realidade, fragmentam o entendimento sobre o ser humano, inclusive, supervalorizando a mente em relação ao corpo. Deste modo, Rorty se opõe que às questões filosóficas sejam tratadas no “tribunal da razão”, no dualismo mente-corpo, com um sujeito pensando formas *a priori* do entendimento, presente na tradição platônico-cartesiano-kantiana. Como consequência, essa forma tradicional de fazer filosofia, construiu-se um vocabulário técnico-filosófico, deslocado da vida prática, organizado em torno da “mente”. Os leitores de tais respostas incorporam como “verdade” à resposta equivocada de uma pergunta ainda mais equivocada. Novos elos são compostos até a consolidação de uma corrente que é aparentemente forte (RORTY, 1994).

Rorty argumenta que,

Do século XVII, herdamos particularmente de Locke, a noção de uma ‘teoria do conhecimento’ baseada numa compreensão dos ‘processos mentais’. A herança continua no mesmo período com Descartes no que se refere à noção de ‘mente’ como uma entidade separada na qual ocorrem ‘processos’. No século XVIII, Kant nos brinda a noção de filosofia como um tribunal da razão pura, sustentando ou negando as asserções do resto da cultura; mas essa noção kantiana pressupunha aquiescência geral às noções

lockeanas dos processos mentais e às noções cartesianas de substância mental (RORTY 1994, p. 20).

Rorty mostrou que a filosofia analítica progrediu para uma etapa pós-positivista graças às contribuições de Wittgenstein, mas faltou-lhe, para a desconstrução da imagética especular, a percepção histórica. Com Heidegger, essa contribuição histórica é mais significativa, porque o seu modo de reapresentar a história da filosofia nos permite identificar a presença da “imagética ocular” desde o nascimento da filosofia na Grécia antiga. Com esses elementos históricos ficamos mais descolados da tradição.

Alinhado à tradição pragmatista, Rorty defende a tese de uma filosofia livre dos “espelhos”, uma filosofia livre da ideia da mente como representação, ou seja, uma filosofia que possa livrar-se da epistemologia. O seu papel é continuar a conversação cultural entre os conhecimentos, sem o objetivo de solucionar de vez os problemas eternos, mas sim de “aquietar” as preocupações atuais dos indivíduos na sociedade e em sua época.

O filósofo expõe umas das inquietações centrais da filosofia, que se entende como uma teoria geral da representação, uma teoria que normatiza e divide a cultura nas áreas que, aparentemente, representem a realidade, diferente daquelas que não a representem de forma alguma, apesar de tentarem.

Rorty declara que, com a influência de Kant, a filosofia tornou-se uma profissão acadêmica, uma espécie de técnica auxiliar, com características normativas, limitando seu campo epistêmico. Ao criticar a filosofia como profissão e seu restrito caráter disciplinar, Rorty dirige-se à filosofia analítica, declarando:

A filosofia 'analítica' é mais uma variante da filosofia kantiana, uma variante marcada principalmente por pensar em representação como antes linguística que mental; e antes em filosofia da linguagem que em 'crítica transcendental'; ou em psicologia como a disciplina que exige os 'fundamentos do conhecimento' (RORTY, 1994, 24).

A tradição kantiana concebeu o caráter "fundador", puramente racional, no qual os processos mentais determinam todas as experiências possíveis, revelando os fundamentos do conhecimento. Portanto, o conhecimento acontece quando o que vem dos dados dos sentidos, por meio de processos interiores, é prontamente adequado à mente, criando uma representação acurada do mundo exterior, um verdadeiro espelho.

Em sua crítica à filosofia analítica, Rorty considera que ela se assemelha ao padrão cartesiano e kantiano como tentativa de escapar à história. Isto envolve tentativas de impor condicionantes a-históricos, como se fosse possível, em qualquer desenvolvimento histórico, e com isto termina por reeditar crenças em linguagem fundacionais. Entende-se que Rorty, ao contrário, continua com seus filósofos pragmáticos e para tanto se baseia no holismo, no contextualismo, ou no historicismo como linha de pensamento no tratamento da questão da verdade (RORTY, 1994, p.24).

Em virtude disso, a questão da verdade está muito mais associada ao seu uso, sua aplicação e eficácia do que à sua definição *a priori*. Assim, ele prefere usar frases como a de James, para quem a verdade é “o que é melhor para acreditarmos”, ao invés de considerá-la uma representação acurada da realidade. O seu projeto consiste em minar a confiança na “mente” como algo sobre o qual se deveria ter uma visão “filosófica” ou no conhecimento como algo sobre o qual deveria haver uma teoria do conhecimento. Ele mostra que Wittgenstein, Heidegger e Dewey partilham da proposta de que devemos desistir da filosofia kantiana segundo a qual há algo chamado de natureza do conhecimento humano.

Rorty argumentou ser preciso subverter a metafísica clássica, sobretudo quando esta se preocupada com a questão da causa original de tudo, sintetizada numa crença em uma filosofia fundacionista. O autor constata que as críticas que os filósofos fazem à cultura não são mais “científicas”, mais “fundamentais” ou mais “profundas” do que as críticas de líderes trabalhistas, críticos literários, políticos aposentados ou escultores. Os filósofos, ao invés de se colocarem como “espectadores de todo tempo e eternidade”, ou como “imitadores mal sucedidos da ciência física”, poderiam trabalhar com a história da filosofia e os efeitos contemporâneos das ideias “filosóficas” sobre o resto da cultura (RORTY, 1982, p.87).

Por esta razão, um dos aspectos mais interessantes da crítica de Rorty à filosofia tradicional trata-se das objeções a um tipo específico de filosofia, ou seja, a filosofia do especialista. Ele se insurge contra este tipo de filosofia e a reescreve combatendo a filosofia fundacionista e cartesiana, por estas não condizerem mais com a tarefa hodierna da filosofia. Para Rorty, a filosofia do especialista, esteve comprometida com sistemas teóricos que supostamente descrevem o mundo de modo racional por meio de uma concepção de verdade fundamentadora de toda de realidade.

Em contrapartida, no lugar destes sistemas, Rorty propõe uma filosofia de cunho político-cultural comprometida com os desafios do gênero humano nos contextos contingentes de sua existência. Rorty prefere propor uma nova etapa da filosofia, uma etapa pós-filosófica. O propósito de Rorty é superar as categorias clássicas da filosofia que, segundo ele, não encontram mais respaldo frente ao novo método disponível às ciências sociais, que é representado pela hermenêutica. Esse método favorece a possibilidade de ampliar a compreensão da realidade, uma vez que pretende sair do campo da comensuração e ingressar no da conversação.

Rorty acredita que numa cultura desse tipo não existiria a crença de que temos, ou devemos ter, no nível mais profundo do nosso ser, um critério que nos ateste que estamos atingindo a verdade. Numa sociedade em que predomine este ambiente cultural estaria banida a própria ideia de alcançar a *realidade em si*, vista como algo objetivo e independente da história e da cultura. Também nos livrariamos do desejo que possuímos cognição de algo ou verdade ética sobre qualquer coisa. Isto não significa afirmar que Rorty rejeite a ideia de conhecimento ou de verdade ética, mas os critérios de acessibilidade e a forma de pensar essas noções são profundamente modificados.

Para cumprir este papel, Rorty apoia as teses do pragmatismo no combate às teorias representacionistas, bem como numa abordagem hermenêutica compatível com os avanços do conhecimento em termos da relação entre linguagem e mundo. No pragmatismo, ao contrário, as crenças são verdadeiras quando são úteis,

enquanto importantes objetos de ação que devem ser procurados tendo em vista as intenções práticas em relação aos fins determinados. Rorty também esclarece a ideia da superação da epistemologia pela hermenêutica com as seguintes considerações:

Quero deixar claro desde o início que não estou colocando a hermenêutica como um 'objeto sucessor' da epistemologia, como uma atividade que preenche a baga cultural outrora preenchida pela filosofia epistemologicamente centrada. Na interpretação que estarei oferecendo, 'hermenêutica' não é o nome de uma disciplina, nem de um método para alcançar o tipo de resultados que a epistemologia não conseguiu alcançar, nem de um programa de pesquisa. Pelo contrário, hermenêutica é uma expressão de esperança em que o espaço cultural deixado pela extinção da epistemologia não seja preenchido – de que a nossa cultura se tornasse tal que a exigência de restrição e confrontação não mais seja sentida (Rorty, 1994, p. 311-312).

Neste sentido a hermenêutica é diferente da epistemologia, porque não pressupõe um terreno comum entre interlocutores de uma conversação, mas deposita sua esperança na concordância ou discordância, interessante e frutífera que poderá resultar de uma interlocução. Para a hermenêutica, “ser racional é estar disposto antes a assimilar o jargão do interlocutor que traduzi-lo para o próprio” (1994, p. 314).

Rorty quer superar as metáforas dominantes relativas à mente e ao conhecimento por julgar estarem vinculadas a uma ideia equivocada da filosofia, própria de toda a tradição moderna. O alvo de sua crítica dirige-se à filosofia da representação, fundacionista ou essencialista, que pensam o conhecimento como correspondência à realidade e restauram, sucessivamente, ao longo dos séculos, a metafísica dos dualismos (FÁVERO, 2014).

Sabe-se que Rorty inicia a carreira acadêmica como membro da corrente analítica e aos poucos vai se desligando desta área, em virtude do seu excessivo caráter técnico. Naquele momento ele achava que a filosofia analítica, considerando-a um ramo da filosofia sistemática poderia oferecer alternativas aos pressupostos do mentalismo. Ao contrário desta pretensão, a filosofia analítica tornou-se uma variante da filosofia kantiana. Uma variante marcada principalmente por pensar a representação como linguística em vez de mental, a filosofia da linguagem em vez de crítica transcendental e a psicologia como disciplina que apresenta os fundamentos do conhecimento. Nesta crítica Rorty argumentava que a filosofia analítica se assemelha ao padrão cartesiano e kantiano do conhecimento quanto à tentativa de escapar da história. Isto é evidente quando esta abordagem envolve tentativas de impor “condicionantes a-históricos” e reeditar crenças em linguagem fundacionais.

Rorty herda do pragmatismo clássico, a tese de que a verdade representa simplesmente aquilo que se revela útil enquanto objeto de crença (Rorty, 1993, p. 111). Nesse sentido, toma-se o consenso emergente no seio de uma comunidade como padrão relevante para a verdade, tornando-se prescindível a ideia de uma relação de correspondência com algo que transcende as práticas humanas ou

históricas, bem como, naturalmente, a aferição do que nos torna hábeis a estabelecer tal relação. O que justifica uma pretensão materializa-se na esfera da prática e da ação, mais do que no plano da contemplação ou da teoria, tornando-se muito mais um "fenômeno social" do que "uma transação entre o 'sujeito cognoscente' e a 'realidade'" (Rorty 1982, p. 234).

Considerações Finais

Vimos que Rorty buscou alianças filosóficas com autores que pensam na construção de uma sociedade democrática na qual, ao invés de a filosofia ficar presa a noções como a de representação da realidade, dê lugar a novas considerações; ao invés de buscar o ideal de objetividade na cognição do mundo, dê lugar ao aperfeiçoamento estético. Em suma, uma sociedade em que todas as áreas do conhecimento, inclusive, as artes e as ciências, sejam consideradas "as flores espontâneas da vida".

Com base na filosofia neopragmatista do filósofo Richard Rorty, buscou-se compreender a perspectiva filosófica do autor que emerge realizando uma crítica radical à filosofia da tradição platônica, cartesiana e kantiana sobre a ideia de superioridade da esfera mental em detrimento do mundo da contingência. O projeto filosófico rortiano se estrutura em duas frentes: na primeira a apresentação do projeto de crítica radical à filosofia clássica e moderna, amparada no paradigma da mente e, na segunda, a apresentação de uma redescrição da filosofia, visando à superação da epistemologia para uma filosofia da conversação.

Rorty conclui que o ponto crucial na investigação filosófica é reconhecer as limitações e identificar as diversas possibilidades de compreensão que este exercício nos obriga. O mundo está "dado" e não precisa de estados mentais humanos para criá-lo. A verdade é procurada nas criações humanas, nas frases e componentes da linguagem humana. Em virtude disso, temos a compreensão do processo histórico e linguístico. Nosso autor insiste que todos os filósofos deveriam continuar a grande conversação do ocidente ao invés de ficar tentando solucionar os problemas tradicionais da filosofia moderna. Este é um caminho para a filosofia antirrepresentacionista e como consequência para a reconstrução ou redescrição da atividade filosófica.

* * *

Referências:

BORRADORI, Giovanna. **Filosofia Americana**: conversações. São Paulo: UNESP, 2003.

CARVALHO FILHO, A. Sensibilidade, solidariedade, autocriação privada. Rorty e a literatura. In: **Redescrições**. Ano I, Número Especial: Memória do I Colóquio Internacional Richard Rorty, 2009. p. 2. Disponível em: <http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/memoria/aldir.pdf>

- DEWEY, John. **Experiência e Natureza**. Trad. Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultura, 1980.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. Trad. Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultura, 1980.
- FÁVERO, Altair Alberto e TONIETO, Carina. **O papel da filosofia na perspectiva de Richard Rorty: da epistemologia à hermenêutica**. São Leopoldo, Revista Controvérsia. v. 10, n. 3, p. 143-149, set.-dez. 2014.
- FERRAZ, Sérgio Eduardo. **O neopragmatismo de Richard Rorty e a reflexão política contemporânea**. *Rev. Sociol. Polit.* vol.22 no.49 Curitiba Jan./Mar. 2014.
- JAMES, William. **Ensaio do empirismo radical**. Trad. P. R. Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KANT, Immanuel. **A Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. **Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura**. Teresina: EDUFPI, 2014.
- NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. Richard Rorty e seu Herói Filosófico: John Dewey. In: LIMA e ARAÚJO NETO (Org.). **Filosofia Prática, Epistemologia e Hermenêutica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, v. 01, p. 346-376.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio**: uma análise do Tractatus de Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1998.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti e MAGRO, Cristina (orgs.). **Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- _____. Richard Rorty, arauto de uma nova visão de mundo. **Kriterion**: Revista de Filosofia. Belo Horizonte, v. 48, n. 116, sem, jul/dez, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n116/a2048116.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- PORTA, Mário Ariel Gonzalez. O problema da crítica da razão pura. In: **A filosofia a partir de seus problemas**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 107-127.
- QUINE, Willard Van O. **Palavra e Objeto**. Trad. Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 2010
- RAMBERG, Bjorn T. Rorty e os instrumentos da filosofia. In: PINTO, Paulo Roberto Margutti e MAGRO, Cristina (orgs.). **Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.p. 82-119.
- RAMBERG, B. Richard Rorty. In E.N. Zalta, ed. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, "Rorty". Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/rorty/>. Acesso em: 10.dez.2019.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O radicalismo e os seus limites: comentários sobre "Rorty e os instrumentos da filosofia" de B. RAMBERG, In: PINTO, Paulo Roberto Margutti e MAGRO, Cristina (orgs.). **Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.p. 120-142.
- RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

RORTY, Richard. A filosofia e o futuro. In: MAGRO, C.; PEREIRA, A. M. (Orgs.) **Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 125.

RORTY, Richard. **Consequências do Pragmatismo**. Lisboa, editora Instituto Piaget, 1982.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro; Relume Dumará, 1997

RORTY, Richard. Dewey's Metaphysics. In: **Consequences of Pragmatism**. The University of Minnesota Press, 1982, p.87.

RORTY Richard. Response to Gouinlock. In: **Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics**, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995

RORTY, Richard. **Pragmatismo e Política** Trad. Paulo Ghiraldelli Junior.; revisão de tradução: Adriana de Oliveira. São Paulo: Martins, 2005.

RORTY, Richard. **Philosophy and Social Hope**. New York. Penguin Books. 1999.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. Trad. Fábio Ribeiro. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TOLEDO JR, J.E.C de. **Linguagem, contexto e razão**. 2008. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. 2008

TOLEDO JR, J.E.C de. **Richard Rorty e a emergência da filosofia pós-analítica: transformações institucionais e mudança intelectual na filosofia profissional norte-americana contemporânea**. Campinas – UNICAMP, 2015 (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. 3 ed. São Paulo: Abril cultural, 1984.